

Vários espaços, uma sociabilidade: o primeiro centro de tradições gaúchas do Paraná.

Renata Sopelsa*

“O maior movimento de cultura popular do mundo ocidental” - esse é o “slogan” do Movimento Tradicionalista Gaúcho que tem como base o expressivo crescimento numérico de suas células e de seus adeptos nas últimas décadas.¹

Presente em dezesseis estados da federação e até mesmo no exterior - em países como Japão e Estados Unidos - esse culto formalizado às tradições gaúchas conta atualmente com mais de trezentos e cinquenta CTGs espalhados pelo território paranaense, dentre os quais está o CTG Vila Velha na cidade de Ponta Grossa.²

Fundado exatamente dez anos após o surgimento do “35 CTG”, primeiro centro de tradições gaúchas criado em Porto Alegre, em 1948, o “Vila Velha” inscreve-se na história desse movimento *sui generis* no país por marcar o início da sua expansão fora do Rio Grande do Sul.

Tal fundação se deu em uma cidade cujo surgimento esteve estreitamente ligado ao Tropeirismo e à pecuária³, atividades responsáveis por diversos traços sócio-culturais daqueles habitantes da região que no transcorrer do século

* Especialista em História e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e aluna do curso de Pós-Graduação em História - Mestrado - na Universidade Federal do Paraná sob orientação da Prof. Dr. Etelvina Maria de Castro Trindade.

¹ OLIVEN, Ruben. *A parte e todo*. A diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Ed Vozes, 1992, p. 87

² Dados fornecidos pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná (MTG-Pr).

³ GONÇALVES, Maria Ap. & ALVES PINTO, Elisabete. *Ponta Grossa: um século de vida (1823-1923)*. Ponta Grossa: UEPG, 1983, p. 17.

XIX mantinham “um contínuo contato com paulistas e rio-grandenses”, apresentando “sobretudo costumes gaúchos”.⁴

No entanto, na segunda metade do século XX esses “costumes” encontravam-se em fase de desintegração perante o processo de modernização assistido, entre outros setores, pela economia local. Desse modo, embora nesse momento a iniciativa de constituir um CTG com intuito de reviver certos hábitos campeiros fosse apoiada principalmente pelos fazendeiros, de outro lado, era interpretada com ressalvas por outros grupos, tais como políticos e comerciantes, que haviam adotado um discurso em defesa do “urbano” e do “moderno”.

Assim, visto com estranheza por parte da sociedade princesina⁵ desde os seus primeiros momentos, este CTG buscou reproduzir fidedignamente a estrutura interna e as atividades sócio-culturais empreendidas nos centros rio-grandenses, com os quais esporadicamente mantinha contato.

Desse modo, tal como seus antecessores, almejava recriar dentro do espaço urbano o modo de vida das estâncias do pampa fronteiriço, a começar pela sede que pode ser caracterizada como uma espécie de réplica do galpão existente nas fazendas da Campanha. Também a nomenclatura foi apropriada e, assim como no “35”, foram adotados os nomes usados na administração de um estabelecimento pastoril, como patrão e capataz, por exemplo.

No que tange às atividades, o CTG ponta-grossense dava destaque à realização de rodeios, churrascadas, apresentações artísticas, reuniões festivas e, sobretudo, bailes, sendo que em virtude das mesmas o centro gradativamente ampliava sua esfera de congregação social.

Com o passar do tempo o “Vila Velha” consolidou-se como uma associação composta por pessoas que, além de

⁴ BALHANA, Altiva P. & MACHADO, Brasil Pinheiro. *Campos Gerais: estruturas agrárias*. Curitiba: UFPR, 1968, p. 38. Trata-se da região dos Campos Gerais, a qual é assim denominada devido as suas características físicas e geográficas que perfazem uma extensão territorial cujos limites são: ao sul, o vale do Rio Iguaçu e ao extremo norte o Rio Itararé.

compartilhar de uma identidade gauchesca, apresentavam uma forma de sociabilidade específica e implicitamente regida por normas internas que orientavam suas relações e trocas sociais.

Nesse sentido, tal como a sociedade estudada por Elias, em *A Sociedade de Corte* evidentemente respeitadas as devidas proporções espaço-temporais, o CTG pode ser descrito como “uma formação social na qual são definidas de maneira específica as relações existentes entre os sujeitos sociais e em que as dependências recíprocas que ligam os indivíduos uns aos outros engendram códigos e comportamentos originais”.⁶

Segundo esse autor, para integrar essa formação social ou figuração, cada indivíduo deveria observar determinadas regras para que fosse reconhecido pelos demais ou, simplesmente, para não ter sua imagem degradada.

Baechler, por sua vez, aponta para algumas características que a sociabilidade⁷ exige dos indivíduos que compõe uma mesma formação social, pois para integrá-la “cada um deve, de algum modo, oferecer-se aos outros como membro aceitável de um círculo de civilidade, o que significaria que todos devem desenvolver traços comuns, que os definem como oriundos de uma *determinada* sociedade”. Ou seja, em certa medida, os participantes devem usufruir uma mesma identidade e impor diversas limitações quanto à sua postura em grupo, assim como “amenizar com tato as

⁵ Devido a sua amplitude econômica e populacional Ponta Grossa é a principal cidade da região, sendo descrita por diversos jornalistas e escritores locais como sendo a “Princesa dos Campos Gerais”.

⁶ ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Trad. por Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p 8

⁷ Baechler afirma que a “sociabilidade pode traduzir-se em agrupamentos formais e organizados, podendo constituir unidades do ponto de vista jurídico e administrativo, mas cuja finalidade própria é a de propor a seus membros espaços sociais, onde possam alcançar, cada um por si e todos em conjunto, determinados objetivos específicos, o principal deles podendo ser muito simplesmente o prazer de estar juntos”. BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, Raymond (Org). *Tratado de Sociologia*. Trad. por Teresa Curvelo. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 82.

asperezas de sua personalidade e os traços extravagantes de seu personagem social”.⁸

Ainda de acordo com Baechler, essa observância das regras de boa convivência seria definida pelo termo “civildade”, a qual representa uma “espécie do gênero sociabilidade” que compreenderia, por sua vez, a categoria denominada “rede”. Para o autor, rede seria os laços sociais que “cada ator social estabelece com outros atores, os quais estão também em relação a outros atores, e assim por diante”, sendo que esta pode se dar de um modo deliberado quando se trata atores que se encontram por opção, por prazer ou interesse, em espaços sociais definidos para isso.⁹

Partindo dessas considerações, é interesse desse artigo analisar a sociabilidade existente entre os sócios do CTG Vila Velha no que concerne à sua atuação no decorrer da década de 1960, visando apreender em que medida a mesma era moldada e direcionada por uma série de regras tacitamente elaboradas e aceitas pelo grupo. Assim, é em meio ao trabalho com a memória do grupo, do contato com as lembranças sobre momentos e acontecimentos por ele vivenciados e que são reconstruídos a partir do depoimento de alguns de seus integrantes, que buscou-se o vislumbamento de sua sociabilidade.¹⁰

Um espaço hierarquizado: a diretoria

O Vila Velha era formado por indivíduos que se definiam como “gaúchos”, “alguns por serem nascidos no Rio Grande e outros por opção, porque gostavam dos hábitos como andar a cavalo, tomar chimarrão, da lida de campo”, ou

⁸ Idem, p. 83. Neste artigo Baechler apresenta vários nomes que contribuíram para o debate sobre o tema sociabilidade, entre eles M. Agulhon, G. Gurvitch, M. Forsé, F. Héran e G. Simmel, autor com o qual dialoga sobre o conceito de civildade.

⁹ Ibidem, p. 77 e 78.

¹⁰ De acordo com Maurice Halbwachs a memória é uma reconstrução de fatos, apoiados na história do grupo do qual se está ligado por laços afetivos. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 7.

simplesmente “por que admiravam as vestimentas, a bombacha, o chapéu”¹¹, ou ainda, porque buscavam compartilhar os mesmos valores e referenciais simbólicos inerentes à identidade social do gaúcho.¹²

Tratava-se, portanto, de um grupo com uma clara vinculação identitária, haja vista que sua associação apoiava-se no julgamento de que todos possuíam os mesmos valores, vontades, interesses ou idéias.¹³ Tal identificação ao mesmo tempo que os unia, afinal pareciam ser idênticos sob um certo ponto de vista, também os distinguia do resto da sociedade ponta-grossense e isso tanto lhes permitia serem localizados quanto se localizar socialmente em meio à mesma. Esse princípio de alteridade é necessário para que os sujeitos se reconheçam enquanto um grupo diante do restante da sociedade, ou seja, daqueles que seriam os “outros”. Segundo Cuche

a identidade cultural aparece como uma modalidade de categorização da distinção nós/eles, baseada na diferença cultural... Não há uma identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em relação dialética. A identificação acompanha a difinção.¹⁴

Assim, à medida que se uniam em torno de uma associação que representaria o seu pertencimento a uma identidade gauchesca, esses indivíduos passavam a

¹¹ Entrevista realizada no dia 23 de novembro de 2003 com Carlos M. Marcondes., ex-patrão do CTG Vila Velha e integrante da diretoria por diversos anos. Na seqüência esta entrevista será apontada como depoimento 5.

¹² Essa identidade foi construída sobre uma imagem do gaúcho historicamente elaborada, na qual ele é descrito com os atributos de coragem, virilidade e honradez. VER: OLIVEN, Ruben George. *O Rio Grande do Sul e o Brasil*. Porto Alegre: Ensaio FEE, 1993.

¹³ Denis Cuche afirma que são os próprios membros de um grupo que atribuem uma significação a sua vinculação, em função da situação relacional em que se encontram. CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Baurio:EDUSC, 1999, p. 183.

¹⁴ Idem, p. 177 e 183.

comungar dos preceitos imanentes à estrutura interna de um centro de tradições.

À semelhança de seus precursores, o CTG de Ponta Grossa apresentava uma nítida divisão de papéis dentro do seu quadro organizacional.

Interpretada como sendo necessária para o “bom funcionamento” do centro, essa divisão acarretava em uma hierarquização das posições que os associados ocupavam dentro dessa figuração, aspecto que, entretanto, era aceita com naturalidade por estes. Havia um certo “respeito” com relação a essa distribuição de papéis.

Tal hierarquia iniciava pelos membros da diretoria. Responsável pela parte burocrática do centro e formado em sua maioria por militares, funcionários públicos e, sobretudo, por fazendeiros, esse grupo excluía de suas fileiras o restante do quadro social do CTG, o qual era basicamente composto por pessoas detentoras de um menor poder aquisitivo.

Claramente perceptível nas atas do centro, essa postura é justificada pela idéia de que, por um lado, os fazendeiros já estavam familiarizados com os costumes campeiros que o mesmo valorizava e buscava resgatar, e de outro, por serem capazes de o ajudar financeiramente. De fato eram esses senhores que injetavam a verba necessária para a manutenção do “Vila Velha” através de doações, pois

... existia uma caixinha de doações para aqueles membros que queriam doar, sabe, não que fosse uma coisa de mendicância, longe, longe disso aí. Então na verdade as doações que haviam era mais, assim, eram bois. Eram em espécie, dinheiro até não se aceitava. Era mais assim, um sujeito lá, um fazendeiro tal doou um boi...carneiro... e então isso era motivo para festa.¹⁵

Ademais a ajuda dos fazendeiros era essencial para a realização dos rodeios, evento para o qual os mesmos emprestavam cavalos e novilhas

¹⁵ Entrevista realizada no dia 03 de novembro de 2003 com Reginaldo Valenga., integrante da internada artística do centro, doravante denominada de depoimento 2.

Não é que dessem o dinheiro para fazer o rodeio, mas ajudavam. Tinha colaboração de todos os lados. Os cavalos de ginetiada, vinha um lote de cada fazenda. Naquele tempo o caminho do fazendeiro trazia as novilhas de dia e levava de noite e não custava nada. Nem o óleo cobrava. Se por um acaso o boi ficasse machucado o proprietário não cobrava, aproveitava para fazer charque, tirar o couro.¹⁶

Impossibilitados de contribuir dessa maneira ou em dinheiro para o funcionamento do CTG, a ampla maioria dos sócios encontrava-se em uma posição de obediência, contudo entendendo-a como normal e profícua para todos os membros do grupo, pois da contribuição dos primeiros dependia a sobrevivência do centro.

Há que se considerar que essa divisão entre os fazendeiros e os demais associados lembra bastante a divisão existente em uma fazenda. Embora folcloricamente o gauchismo queira passar a idéia de que no galpão todos os indivíduos eram iguais, na vida real isso não acontecia. Cada um tinha o seu lugar nessa figuração, uns como patrões, outros como peões, e isso é reproduzido no CTG sem grandes controvérsias, até mesmo devido à procedência rural de vários integrantes.

Assim, abaixo da diretoria, que em uma ordem decrescente de poder era composta pelo patrão, capataz, sota-capataz, agregados e posteiros¹⁷, vinha o restante do quadro social. No entanto, também nesse grupo mais amplo de associados que não participavam da patronagem existia uma certa diferenciação, principalmente nos espaços ocupados pelas invernadas artística e campeira¹⁸.

¹⁶ Entrevista realizada no dia 05 de novembro de 2003 com Paulo Pinto., integrante da invernada campeira. No decorrer do texto esta entrevista será apresentada como depoimento 3.

¹⁷ Tais titulações correspondem respectivamente aos cargos de presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e diretor. Assim como em outras associações anualmente eram feitas eleições para a escolha de uma nova diretoria, todavia, existia um número restrito de indivíduos que se intercalavam no poder, pois conforme foi visto, esse grupo era formado majoritariamente por fazendeiros.

¹⁸ Por invernadas deve-se entender o mesmo que os departamentos existentes em uma associação. Essa denominação tem origem nas

Descrita como “uma turma bem animada” e como “os que mais apareciam”, os componentes do grupo folclórico, que compunham a internada artística do CTG, ocupavam um lugar de destaque perante a divulgação que promoviam em suas apresentações, ao passo que a internada campeira era definida como mais “acanhadinha”.¹⁹

É importante notar que a equipe de laço era composta pelos peões de fazenda, ou seja, por homens de poucos recursos e quase sem nenhuma escolaridade, elementos que os condicionavam a pertencer à divisão de menos proeminência dentro da hierarquia presente na estrutura interna do “Vila Velha”, embora fossem eles os que mais entendiam e vivenciavam os usos e costumes do campo exaltados pelo mesmo.

Todavia, simultaneamente a essa divisão de papéis havia uma complexa rede de solidariedade e interdependências, pois os associados percebiam-se como partes pertencentes a uma mesma formação social. Cada uma dependia da outra, pois somente a partir da sua soma o centro manteria sua existência. Assim, conforme o depoimento de um dos integrantes, dentro do CTG

Era todo mundo muito unido. Unido uma barbaridade. Cada um fazia a sua parte. Nós mexia com a parte campeira. A dona Teresinha cuidava da parte artística. O pessoal da diretoria da parte financeira, de dinheiro. Nós trabalhava tudo em conjunto... Todos se ajudavam. É assim que funciona uma sociedade. Quando as pessoas são amiga tudo funciona.²⁰

divisões existentes em uma fazenda de criação de gado, onde os animais são distribuídos em internadas ou campos convenientemente cercados visando sua engorda.

¹⁹ Entrevista realizada no dia 06 de novembro de 2003 com Ana Guzone, responsável pela internada artística do “Vila Velha”, doravante denominada de depoimento 4. Segundo esse depoimento os integrantes do grupo folclórico se reconheciam como artistas, afinal enquanto “um declamava, outro dançava chula, outro tocava, outro dançava...”. É importante salientar que em suas apresentações o grupo fazia a divulgação do CTG Vila Velha, não somente naquelas realizadas nos clubes locais, como também por diversas cidades paranaenses e de outros estados, como Vacaria e Caxias no Rio Grande do Sul, Lages e Curitiba em Santa Catarina.

Fica patente, dessa forma, que embora houvesse diferenças e distinções sociais entre os associados, em última instância, todos se uniam em prol de um objetivo comum, o CTG, instituição que representava uma parte importante deles mesmos: a sua identidade.

Um espaço de “respeito”: o baile

Manifestando um ambiente profundamente disciplinador, em que os “bons costumes” deveriam ser sempre enaltecidos e preservados, o centro apresentava também um outro espaço em que a hierarquia era vivenciada e sobrepujada por uma conservadora normatização dos comportamentos dos associados.

Esse aspecto evidencia-se, sobretudo, nos momentos de maior contato entre os integrantes, tais como os bailes que “de quando em quando” eram realizados nos clubes locais.²¹ De acordo com um dos depoimentos, essa atividade

Lotava, lotava, lotava, lotava... fosse onde fosse...E geralmente não era no galpão, porque no galpão não cabia todas as pessoas que compareciam nesses bailes. Era muito bonito. Não era como hoje em dia que vira e mexe sai briga. Era com respeito barbaridade. Enchia de gente e não se via nenhuma discussão. Não precisava sequer de segurança. Nada, nada... não existia problema nenhum.²²

Essa descrição dos bailes como sendo assinalados por muita alegria e cordialidade é corroborada por outra integrante do centro, segundo a qual esses momentos de diversão eram “muito animados... muito animados... não tinha briga. Muita gente entrava lá com faca e revólver por que era do traje, mas não tinha briga”.²³ Assim, embora fizesse parte da indumentária dos peões andar com uma “faca desse tamanho atravessada nas costas”, não existia atrito

²⁰ Depoimento 3.

²¹ Depoimento 2.

²² Depoimento 3.

²³ Depoimento 4.

entre os mesmos e sim respeito, “respeito barbaridade”.²⁴ “Tudo era com respeito. A mulher dançava com os moço, os homens dançava com as moças, tudo com respeito. Era bonito de ver.”²⁵

Segundo os depoentes, ninguém faltava com acatamento e afabilidade com o seu par, tampouco agia de forma imprópria quando dançava com alguém que não fosse seu cônjuge, comportamento que para os mesmos difere muito dos dias atuais em que homens e mulheres envolvem-se com parceiros mais jovens, aproveitando a dança para estabelecer uma aproximação indevida.

A ocorrência de respeito e a ausência de desentendimentos eram explicadas pelo fato desses eventos serem “um ponto de encontro entre famílias”²⁶, ou seja, cada indivíduo conhecia os demais integrantes do centro, sabia de sua procedência, de seu histórico pessoal. Por conseguinte, todos percebiam-se como componentes de um grupo “seleto” de amigos e familiares que embora não pertencessem à mesma classe social, “cultuavam o mesmo princípio de origem cultural”, ou seja, valorizavam os mesmos valores morais e a mesma visão de mundo.²⁷

Assim, em princípio, todos os sócios do centro atentavam para a exigência de manter um bom relacionamento entre si e uma maneira específica de comportar-se dentro dessa formação social, o que implicava, entre outras coisas, em cuidar da aparência física, pois nos bailes “não chegava ninguém desleixado”. Aqueles participantes que não comparecessem nos bailes pilchados²⁸ deveriam ao menos “ir arrumadinho”²⁹. Evidencia-se, dessa forma, a ligação entre a falta de comprometimento em se

²⁴Depoimento 3.

²⁵ Entrevista realizada no dia 28 de outubro de 2003 com Roseli Fonseca, membro do grupo folclórico do CTG. Na seqüência sua entrevista será apontada como depoimento 1.

²⁶Depoimento 2.

²⁷ Idem

²⁸ Pilcha é a definição dada a indumentária gaúcha, a qual, para o homem é caracterizada sobretudo pelo uso de bombacha, camisa, bota e lenço, e no caso das mulheres, pelo vestido de prenda.

vestir adequadamente para o evento com uma conduta de desrespeito para com aquele ambiente familiar. Aliás, tal desrespeito era ainda maior quando se tratava de outras condutas consideradas ainda mais reprováveis. Desse modo, “se a pessoa abrisse um botão da camisa pra se mostrar logo chegava o patrão ou alguém responsável e mandava fechar ou sair do salão. Se fosse fazer gracinha e desabotoar a camisa ou ir de camiseta não entrava no baile. Ou era convidado a sair do salão”.³⁰

Fica claro que caberia ao patrão ou a alguém com algum tipo de autoridade dentro do centro exercer um papel de vigilância dos comportamentos do público que freqüentava seus eventos, vigilância esta que se exercia igualmente entre aqueles que eram integrantes do grupo e os que não eram. Obviamente que esse ato de espreitar se algum sujeito mais atrevido abria o botão da camisa para chamar a atenção das mulheres também era efetuado por todos os associados, sobretudo pelos mais velhos, pois eram uma afronta às regras que eles seguiam.³¹ Cabe lembrar ainda que o ato de vigiar salientava em meio aos bailes a divisão de papéis sociais existentes no CTG, não somente no que se referia à posição de patrão/grupo folclórico/peões, como também no tocante a velhos/jovens, homens/mulheres e sócios/não-sócios, pois cada qual cuidava para que os demais agissem de acordo com a postura que lhe era cobrada.

²⁹ Depoimento 3.

³⁰ Idem

³¹ Ao analisar a vigilância que se exercia em escolas paroquiais do século XVIII, Foucault discute essa postura enquanto um mecanismo inerente ao “poder disciplinar” que visa manter o controle sobre os corpos e comportamentos dos alunos. Pode-se, em um certo sentido, pensar a vigilância exercida no CTG a semelhança das afirmações do autor, segundo o qual a mesma faz parte de um poder “múltiplo, automático e anônimo; pois se é verdade que a vigilância repousa sobre os indivíduos, seu funcionamento é de uma rede de relações de alto a baixo, mas também de baixo para cima e lateralmente”. Ou seja, todos os integrantes dessa rede são “fiscais perpetuamente fiscalizados”. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. por Ligia M Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 158.

Dessa forma, não se admitia dentro das atividades realizadas pelo centro pessoas que se portassem contrariamente às regras internas, entre as quais estava a proibição do excesso de consumo de bebidas alcoólicas, porque “bêbado também não tinha vez, era logo tirado pra fora”.³²

Entretanto, segundo os entrevistados eram raros esse tipo de atitude extrema de expulsar os infratores perante a quase inexistência de ocorrências como essas, afinal “as pessoas do CTG se conheciam. Eram as famílias. Então quando alguém bebia demais geralmente não era do CTG. Era de fora”.³³

É interessante notar que havia uma clara distinção entre os membros do centro e os de “fora”, isto é, aqueles indivíduos que não pertenciam ao quadro social e que não eram reconhecidos como portadores dos mesmos referenciais morais. No entanto, mesmo não sendo sócios, logo não compartilhando das mesmas regras que orientavam as relações dentro do Vila Velha, “essas pessoas já sabiam que nos bailes do CTG tinha que ter respeito. Que era proibido beber”³⁴. Enfim, também elas se submetiam à normatização dos comportamentos.

Era uma parte importante da reputação do centro ser visualizado tanto pelos seus adeptos quanto pelos de “fora” como uma associação onde imperava o respeito, principalmente no que concerne à relação entre as prendas e os peões.

Para um dos integrantes, aqueles momentos comportavam uma situação prazerosa de contato entre as pessoas, nas quais “valia a conversa” como estímulo para o convívio e trocas sociais, bem como a amizade e o companheirismo entre os gêneros. “Isso fazia parte da própria cultura do meio. Hoje em dia...eu diria que amizade entre homem e mulher não existe. Naquele tempo não. Havia. Havia amizade... até porque era um ponto de honra familiar, você jamais poderia sair da linha com uma moça, fosse o

³² Depoimento 3..

³³ Idem.

³⁴ Ibidem

desrespeito em que nível fosse, verbal ou de qualquer natureza”.³⁵

Percebe-se que a idéia de respeito é bastante aproximada não apenas de uma noção de moralidade, mas também de honra. Nesse sentido, os senhores e rapazes do grupo ao observar as regras que determinavam a ocorrência de respeito em relação às prendas estavam, na verdade, agindo segundo preceitos de moral e honra, os quais não poderiam infringir conquanto quisessem continuar sendo bem vistos pelos integrantes do CTG ou não construir uma má impressão para si e para sua família.

Por seu turno, as mulheres, até mais que os peões, deveriam comportar-se de acordo com os “bons costumes”, ou seja, com a moralidade desejada pelo grupo. Logo, a prenda ideal seria exatamente a mais “prendada”, uma mulher íntegra, conhecedora dos deveres domésticos e que ao mesmo tempo se portasse com delicadeza e sensibilidade. Afastada dos cargos de direção do centro e de algumas de suas atividades – tais como as viagens para rodeios, tiros de laço e diversas tertúlias – as prendas não poderiam ir ao baile “de calça comprida, tinha que ir de saia. Não de mini-saia. Mas uma saia decente”³⁶. Tais exigências iam ao encontro dos atributos esperados da mulher que pertencesse ao Vila Velha, pois a calça comprida era um peça de vestuário considerada mais apropriada para o gênero masculino devido à aparente rusticidade. Ademais, desde que não fosse muito curta, o que deixaria à mostra uma parte do corpo feminino, a saia seria uma vestimenta mais leve, mais elegante para as prendas, afinal em meio a essa formação social a sua beleza estaria justamente em manter uma postura discreta e suave e não em aliciar o sexo oposto a partir da exibição dos contornos de seu corpo, ato considerado como imoral, logo contrário às regras do grupo.

Ao que tudo indica tais regras eram cumpridas, quer pelas mulheres, quer pelos peões, pois de acordo com as entrevistas raramente havia algum tipo de “punição” ou

³⁵Depoimento 2.

³⁶Depoimento 3.

“advertência”.³⁷ Dessa maneira, é interessante perceber que embora fossem subentendidas pelos associados, essas normas internas verdadeiramente condicionavam as relações estabelecidas entre eles e a sua liberdade individual, afinal para pertencer ao Vila Velha a pessoa deveria observar o que lhe era possível decidir ou fazer.

Em que pese a diferença nos períodos históricos e de problemáticas investigadas, ao estudar a relação entre os membros de um determinado grupo social, Elias percebeu que

...esse preço tem que ser individualmente pago por cada um dos seus membros, através da sujeição da sua conduta a padrões específicos de controle dos afetos. O orgulho por encarnar o carisma do grupo e satisfação de pertencer a ele... estão funcionalmente ligados à disposição dos membros de se submeterem às obrigações que lhe são impostas pelo fato de pertencerem a esse grupo... A satisfação que cada um extrai da participação no carisma do grupo compensa o sacrifício da satisfação-pessoal decorrente da submissão às normas grupais.³⁸

Ou seja, a procura por manter o ambiente limpo de condutas que eram consideradas reprováveis fazia com que o comportamento de cada membro sempre estivesse de acordo com um contrato implícito que regia a coexistência no grupo e no qual se assentava seu engajamento social. Assim, cada indivíduo aderiu a esse contrato e agiu conforme a expectativa que os demais sócios do CTG possuíam dele, pois somente dessa maneira seria reconhecido como parte integrante do centro.

Ainda segundo o autor, esse reconhecimento faz parte de uma complexa rede de dependência entre os indivíduos que compõe qualquer formação social, pois a opinião que os sujeitos fazem uns dos outros e a expressão dessa opinião pelo comportamento, tem papel decisivo como instrumento de controle em meio à mesma. Por isso, nenhum dos

³⁷ Idem.

³⁸ ELIAS, Norbert & SCOTSON. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Trad. por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p.26.

membros pode escapar à pressão da opinião sem pôr em jogo sua qualidade de membro.³⁹

Ademais, ao arriscar essa qualidade através de um comportamento condenável pelo grupo - como beber demais e agir com violência nos bailes por parte dos homens, ou apresentar-se com roupas provocantes no caso das mulheres - o indivíduo coloca em risco o seu próprio valor pessoal, pois “em uma tal formação a construção da identidade de cada indivíduo está sempre no cruzamento da representação que faz de si mesmo e da credibilidade concedida ou recusada pelos outros a essa representação”.⁴⁰

Conseqüentemente, é o receio de perder sua posição como membro do grupo, logo parte de sua identidade, que age diretamente com uma força para manter o código de conduta, o qual é ‘convertido em ansiedade pessoal, no medo do indivíduo em degradar-se ou simplesmente perder o prestígio na sociedade em que vive. E é esse medo da perda do prestígio aos olhos dos demais, instalado sob a forma de autocompulsão, seja a forma de vergonha, seja no senso de honra, que garante a reprodução da conduta característica’.⁴¹

Um espaço saudável: o rodeio

Afora os bailes havia outras festividades em que o contato entre os sócios do Vila Velha se dava de maneira intensa e nas quais se expressava uma forma de sociabilidade bastante específica, ou seja, caracterizada por uma nítida apresentação das posições ocupadas pelos integrantes no grupo e pelo respeito que os mesmos conferiam às suas regras internas.

Descritos como sendo um evento de grande importância para o CTG perante o grande número de público que reunia, os rodeios eram marcadamente um momento de forte coesão grupal, pois devido à amplitude dos preparativos que envolvia a sua realização era necessário o trabalho e o empenho de

³⁹ ELIAS, N. *A Sociedade de Corte*. Op.cit., p. 113..

⁴⁰ Idem, p.21

⁴¹ ELIAS, N. *O processo civilizador*. Trad. por Ruy Jungmann. v. 2. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1993, p. 213.

todos os membros, fossem eles da “parte artística”, da “campeira” ou aqueles que cuidavam “de dinheiro”, ou seja, a diretoria.⁴²

Assim, à medida que cada setor se responsabilizava pela parcela de tarefas que lhes eram atribuídas, no decorrer de três ou quatro dias iam sendo desenvolvidas uma série de atividades em um local especialmente preparado para lembrar o aspecto de uma fazenda de criação de gado.

Dessa forma, enquanto no galpão, que propositalmente era planejado para aparentar uma construção rústica e simples, eram realizadas atividades como concurso de danças, de declamadores, chuleadores e acordeonistas, na chamada pista de laço ocorriam as modalidades relacionadas ao domínio e destreza no tratamento de animais, como tiro de laço, doma de cavalos chucros, ginetiadas e corridas de cavalos.⁴³ Em virtude da dificuldade na execução e da exigência de conhecimento acerca do trabalho com animais, essas atividades eram realizadas unicamente pelos peões de fazenda. Como disse um desses competidores

naquele tempo, na verdade, foi o primeiro CTG do Paraná e como não se tinha equipe de laço, convidava-se os peões de fazenda para participar. Era assim, e como eles sabiam que eu também sabia laçar, lidar com o gado, pois vivia na fazenda junto com os peões lidando com o gado, me convidaram para fazer parte da equipe campeira. Não tinha equipe como hoje, com organização, então quem laçava era o capataz de seu fulano.⁴⁴

Como foi visto anteriormente, esses peões formavam a invernada campeira do CTG, sendo em sua maioria pessoas de baixa renda, desprovidas de escolaridade e que levavam uma vida simples ligada ao campo e aos animais, com os quais desde a infância aprendiam a lidar.

Desse modo, é pertinente notar que ao reproduzir no rodeio as tarefas que cotidianamente efetuavam na fazenda, realizando o que chamavam de “uma espécie de

⁴² Depoimento 3.

⁴³ Depoimento 5.

⁴⁴ Depoimento 3.

apresentação”,⁴⁵ esses peões alcançavam uma certa valorização do seu trabalho, pois eram vistos como indivíduos portadores da coragem exigida pela dificuldade em adestrar animais, além, é claro, de um exímio talento para montaria. Assim, esses membros que em geral ocupavam uma posição de menor destaque dentro do grupo, dada a sua simplicidade e pouca atuação em eventos como bailes e mateadas, no transcorrer desses dias de festa transformavam-se em seus maiores representantes ao incorporar a identidade e o comportamento considerados como inerentes ao gaúcho. Nesses momentos, os aspectos relacionados às características psíquicas daquele que seria o verdadeiro habitante do pampa são transferidos para esses peões, que simbolicamente se tornam o modelo de um homem ligado à natureza e que conseqüentemente seriam donos de um espírito de liberdade e companheirismo.

Aliás, é essa a imagem que o CTG busca recuperar com a promoção desse tipo de evento, pois o rodeio nada mais seria que a reprodução das atividades típicas do mundo rural dentro do meio urbano, sendo que o primeiro passa então a ser visualizado como um espaço mais seguro e saudável, em que as relações transcorreriam de maneira mais verdadeira e amigável, onde não existiriam nem problemas, nem conflitos sociais. Ou seja, ocorre uma idealização do campo e do homem a ele ligado como herdeiros de uma vida mais livre, simples e natural, ou, em todo caso, melhor.

Nesse sentido, essa representação elaborada pelo CTG sobre o espaço campeiro e a busca da reprodução de suas características físicas foram seguidas pelo projeto de resgatar também as formas de convívio e trocas sociais existentes entre os moradores do meio rural, a começar pela reunião dos membros “em torno de um fogo de chão pra se confraternizar, contar causos, piadas, tomar chimarrão”, prática que teria por finalidade oportunizar a construção de uma rede de solidariedade entre os mesmos.⁴⁶

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Depoimento 5.

Cabe lembrar que o hábito de tomar chimarrão seria elevado a símbolo dessa identificação com uma vida mais simples em que valeria a amizade e o “respeito” entre as pessoas, pois ao compartilhar todos de uma mesma cuia, que “passaria de mão em mão sem levar em conta a cor, o sexo ou a procedência” do participante da roda, os membros do Vila Velha estariam demonstrando a existência de “uma amizade sem tamanho” entre eles.⁴⁷

Não obstante, o chimarrão simbolizaria ainda a “hospitalidade típica do gaúcho”, portanto, tal como os “costumes de antanho”, era através dele que se estabelecia a confraternização entre os sócios do Vila Velha e os convidados a participar do rodeio, entre os quais merecia especial atenção aqueles que chegavam das cidades vizinhas e de outros estados, “pois vinha muita gente de fora”.⁴⁸

Esses visitantes ficavam alojados em acampamentos onde eram erguidas barracas, cujo espaço além de servir de abrigo acabava se revertendo também em ponto de encontro. Era na “barraca onde todo mundo se reunia pra comer, para conversar” e como não poderia deixar de ser, para “tomar chimarrão”.⁴⁹

Outro momento de confraternização entre os membros do centro, ou entre estes e os “de fora”, eram os horários de refeições onde se saboreava “um arroz carreteiro” juntamente com “um bom churrasco, uma boa carne assada de forma típica. Era uma carne assada no fogo de chão, de forma a valorizar a forma de assar uma carne ao estilo verdadeiramente gaúcho”.⁵⁰

De acordo com os entrevistados, embora se tratasse de um lugar onde reunia “bastante pessoas”, ou seja, “bem movimentado”, esses rodeios não apresentavam ocorrências de desentendimento ou agressão entre os participantes.⁵¹ Como em todas as atividades desenvolvidas pelo CTG,

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ Depoimento 1.

⁵⁰ Depoimento 2.

⁵¹ Depoimento 1.

também nessa “não havia necessidade de segurança”⁵², pois era tudo “em família, tudo com muito respeito”⁵³. “Ia as famílias, ia mulher, ia os casais e todo mundo se respeitava. Eram amigo”.⁵⁴ Como em todas as atividades também nessa havia regras, hierarquia e vigilância mútua.

Nota-se, desse modo, que novamente os depoentes apontam para a existência de respeito e cordialidade, bem como frisam a ausência de conflitos em meio à reunião dos membros do centro. Tal como nos bailes e outros eventos, nos rodeios também a convivência é descrita como harmoniosa. Diante a lembrança efetuada por essas pessoas vislumbra-se que essas características marcaram as suas lembranças acerca do convívio dentro do “Vila Velha”, e, por assim dizer, acabaram por tornar um dos principais elementos que surgem em suas falas quando recordam do mesmo.⁵⁵

Uma sociabilidade específica: o CTG Vila Velha

Uma figuração social cujas características internas empreendam uma forma particular de sociabilidade: assim pode ser descrito o primeiro CTG do Paraná.

Composto por pessoas provenientes das mais diversas camadas sociais, o Vila Velha, a princípio, era uma associação que lhes oportunizava o estabelecimento de contato com outros indivíduos que estivessem dispostos a reviver as tradições gaúchas, ou seja, aquilo que entendiam

⁵² Depoimento 2.

⁵³ Depoimento 1.

⁵⁴ Depoimento 3.

⁵⁵ Deve-se ter em consideração, como afirma Santos, que a lembrança é um ato cognitivo por parte do indivíduo que está recordando situações vividas num momento anterior de sua vida, todavia, agora encontrando-se numa posição de distanciamento perante aquele período. Desse modo, o resultado dessa lembrança configura-se como uma atribuição de sentido efetuada pelo indivíduo às suas experiências passadas. SANTOS, Antonio César de Almeida. *Memórias e cidade*. Depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997, p. 19.

como sendo os usos, costumes e valores do homem campeiro, do gaúcho.

Entretanto, uma vez dentro dessa figuração, gradativamente essas pessoas acabavam por inserir-se em espaços que as informavam acerca dos códigos e princípios que orientavam o convívio dentro do centro .

Assim, enquanto em um primeiro espaço assimilavam o ordenamento e a distribuição dos papéis sociais construído por um centro de tradições, em outro, representado sobretudo pelos bailes, conheciam as regras que condicionavam o ingresso e a permanência no mesmo. Afora o espaço evidenciado pelo rodeio, que em virtude das atividades e da estrutura física que oferecia aos participantes, principalmente aqueles que não possuíam ligação com o meio rural, era apresentado como um exemplo privilegiado do ambiente saudável que o CTG proporcionaria para a confraternização entre os sujeitos sociais.

Fato importante é que embora cada espaço enfatizasse a ocorrência de uma característica dentre as três, estas, na verdade, perpassavam todos eles. Desse modo, afora a exigência de “respeito”, nos bailes também haveria aquele ambiente profícuo para o encontro entre famílias, bem como um claro ordenamento de classe e gênero, por exemplo. De forma semelhante ocorria com a diretoria e com o rodeio, pois nesse último, além da vigência de regras, havia hierarquização até mesmo na seleção dos peões, a qual baseava-se sempre na maior ou menor demonstração de destreza e coragem por parte destes na realização das tarefas envolvendo animais.

Nesse sentido, à medida que os indivíduos iam se integrando ao grupo que compunha o CTG e conhecendo os espaços construídos pelas interações sociais vivenciadas por seus membros, passavam a habituar-se a seus códigos, a sua sociabilidade. Indo mais além, passavam a compor um grupo cujas relações e trocas sociais eram informadas por um caráter bastante conservador.

Aliás, com o passar do tempo, esse conservadorismo passaria a ser utilizado pelo centro como sendo um adjetivo

capaz de defini-lo perante a sociedade local. Seria assim criado o discurso no qual o mesmo afirmava-se como uma instituição onde os bons costumes e o clima familiar seriam enaltecidos em detrimento das diversas mudanças que a modernização acabaria trazendo para a cidade, sobretudo no que dizia respeito as conseqüências sócio-culturais.

Também com o passar do tempo o acatamento que os membros do grupo davam aos códigos e posturas que abalizavam a sua convivência deixa de ir ao encontro somente do mero pertencimento a uma entidade clubística, pois aos poucos esses elementos seriam incorporados a seus personagens sociais, transformando-se em um estilo de vida...

Tratava-se de um estilo de entender e conduzir a vida que poderia se refletir no simples ato de não abrir os botões da camisa em público, em não usar saias curtas e blusas decotadas, ou mesmo no ato de compartilhar da mesma bomba de chimarrão que os companheiros de roda haviam utilizado como sinal de amizade e comunhão de identidade.

Referências

- BAEHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, Raymond (Org). *Tratado de Sociologia*. Trad. por Teresa Curvelo. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- BALHANA, Altiva Pilatti & MACHADO, Brasil Pinheiro. *Campos Gerais: Estruturas Agrárias*. Curitiba: UFPR, 1968.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças dos Velhos*. São Paulo: Ed. EDUSP, 1987.
- COSTA, Rogério Haesbaert. *"Gaúchos" no nordeste: modernidade, des-territorialização e identidade*. São Paulo: USP, 1995. Tese de Doutorado.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (orgs). *RS: Cultura e Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- DITZEL, Carmencita de Holleben Mello. O arraial do Pitangui: o Centro Cultural Euclides da Cunha de Ponta Grossa. In: *Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais*. Ponta Grossa: UEPG, 2001.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Trad. por Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

- _____. *O processo civilizador*. Trad. por Ruy Jungmann. v. 2. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1993.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Trad. por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FERREIRA, Marieta Moraes & AMADO, Janaina. *Usos e Abusos da História Oral*. 5ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. por Ligia M Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1977.
- GOLIN, Tau. *A maldição do boi: problemas da cultura gauchesca*. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.
- GONÇALVES, Maria Ap. Cezar & PINTO, Elisabete Alves. *Ponta Grossa: um século de vida (1823-1923)*. Ponta Grossa: UEPG, 1983.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1999.
- HABERMAS, Jürgen. *O Discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.
- MEIHY, José Carlos S. B. (org.) *(Re)introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisada*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- NUNES, Zeno Cardoso & NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982.
- OLIVEN, Ruben George. "O maior movimento de cultura popular do mundo ocidental": o Tradicionalismo Gaúcho. In: *Cadernos de Antropologia*. Porto Alegre: IFCHL/UFRGS, 1992.
- _____. *A Parte e o Todo. A diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1992.
- _____. *O Rio Grande do Sul e o Brasil*. Porto Alegre: Ensaio FEE, 1993.
- PEREIRA, Magnús Roberto de Mello. *Semeando Iras rumo ao progresso: ordenamento jurídico e econômico da Sociedade Paranaense*. Curitiba: Ed UFPR, 1996.
- PESAVENTO, Sandra Jahaty. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- SANTOS, Antonio César de Almeida. *Memórias e cidade. Depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.
- SOPELSA, Renata. Movimento Tradicionalista Gaúcho em Ponta Grossa: tradição x modernidade. In: *Espaço Plural*. Caderno de Ciências, Filosofia e Artes, UNIOESTE, ano III, n. 9, 2002.

Vários espaços, uma sociabilidade: o primeiro Centro de Tradições Gaúchas do Paraná

Renata Sopelsa

Resumo: O presente artigo visa refletir sobre a sociabilidade apresentada pelos membros do Centro de Tradições Gaúchas Vila Velha, primeiro representante do tradicionalismo gaúcho a ser criado fora do estado de origem desse movimento. Busca-se, portanto, analisar as relações sociais estabelecidas entre os integrantes deste CTG, instituição que simbolizava a sua adesão a uma identidade gauchesca e a códigos e comportamentos conservadores, haja vista que em seu interior manifestava-se um ambiente profundamente disciplinador em que o “clima familiar” e os “bons costumes” deveriam ser mantidos.

Palavras-chave: Espaço, sociabilidade, tradicionalismo gaúcho.

Abstract: The present article objects to reflecting about sociability presented by the members of the Centro de Tradições Gaúchas Vila Velha, the first representative of the “gauchos” traditionalism to be created out of the original state of this movement. We try to focus on the analysis of the established social relations among the CTG members, institution which symbolized their adherence to the “gaucho” identity and to traditional behavior codes, keeping in mind that inside of it there was a very strict environment where the “familiar ambient” and the “customs” should be kept.

Key-words: space, sociability, gaucho traditionalism.

Artigo recebido para análise em 22/02/2004

Artigo aprovado para publicação em 10/05/2004